

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
NEAD – Núcleo de Educação a Distância
Educação do Campo – Especialização Lato Sensu

LUCIO DE LIMA LOPES

**OS PAPÉIS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO E DA DISCIPLINA DE FILOSOFIA
NA CONSTRUÇÃO DA CONSCIÊNCIA CRÍTICA**

CURITIBA

2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
NEAD – Núcleo de Educação a Distância
Educação do Campo – Especialização Lato Sensu

LUCIO DE LIMA LOPES

**OS PAPÉIS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO E DA DISCIPLINA DE FILOSOFIA
NA CONSTRUÇÃO DA CONSCIÊNCIA CRÍTICA**

Artigo científico [TCC], apresentado como requisito para conclusão do curso Educação do Campo – Especialização Lato Sensu, da UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ - Setor Litoral [NEAD – Núcleo de Educação a Distância], sob a orientação do Prof. Paulo Eduardo Angelim.

CURITIBA

2014

SUMÁRIO

RESUMO.....	04
1 INTRODUÇÃO.....	05
2 NOSSO CASO EM FOCO.....	06
3 A EXPERIÊNCIA DO APODERAR-SE DE CONCEITOS.....	13
4 CONCLUSÃO.....	17
REFERÊNCIAS.....	18

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
NEAD – Núcleo de Educação a Distância
Educação do Campo – Especialização Lato Sensu

LUCIO DE LIMA LOPES

Resumo

O presente texto tem a pretensão de analisar as convergências pedagógicas entre os objetivos curriculares da Educação do campo com os objetivos curriculares da disciplina de Filosofia, para uma compreensão da importância do conceito enquanto instrumento da formação da consciência crítica que não apenas pode transformar a forma de pensar do sujeito aprendiz como torná-lo potencialmente capaz de transformar o meio político-social no qual está inserido. Para fundamentar o texto optou-se por uma revisão literária sobre essa dinâmica na Educação do Campo na disciplina de Filosofia e, ainda, por uma verificação qualitativa com entrevistas junto a alunos que fizeram a experiência de estudar a disciplina de Filosofia.

Palavras-Chave: Educação do Campo; Filosofia; Emancipação; Conceito; Criticidade.

1 INTRODUÇÃO

O estudo proposto no desenvolvimento deste artigo é uma reflexão pedagógica acerca dos papéis desempenhados no dia a dia da escola em relação aos esforços pedagógicos acerca da formação da consciência crítica de nosso alunado.

É fato, que a Educação do Campo como hoje está representada, na prática e na teoria, a partir dos movimentos sociais do campo que lutam por outra concepção de educação é uma tentativa de desconstrução daquilo que ela já foi um dia pautada por um outro conceito de educação correlativo às populações do campo, que tinha por objetivo uma intencionalidade marginalizante das mesmas. Esse modelo, ainda muito vigente hoje, visa formar o sujeito da aprendizagem somente para o trabalho desconsiderando-o em sua “Dignidade Humana”.

Quando falamos de “Dignidade Humana” estamos intencionalmente recorrendo a um conceito ético de dignidade humana, de forma livre, mas que nos ajude a entendê-lo desde duas dimensões distintas: a do plano de subjetividade e a do plano da objetividade.

No primeiro plano estamos tratando de tudo aquilo que faz parte da essência do Ser do sujeito e o segundo plano trata dos aspectos das necessidades de sobrevivência naturais ou básicas. Isto é dizer que guarda uma preocupação com a cidadania, habitação, relações sociais, cultura e formação étnico social.

É dessas constatações que orientamos nosso objetivo para compreendermos, lado a lado, o real lugar da Filosofia nesse processo da construção de uma criticidade emancipatória a partir do “chão da escola”, para demonstrarmos como entendemos a convergência entre Educação do Campo e Filosofia, por meio do trabalho pedagógico com o conceito como elemento potencializador de uma consciência crítica frente às realidades antagônicas construídas por nossa sociedade.

A partir dessa perspectiva de análise apresentada até aqui, procuramos desenvolver uma intervenção pedagógica em sala de aula para coletar dados que possibilitassem demonstrar por analogia como a Filosofia inserida na Educação do Campo poderia contribuir nessa formação integral do sujeito. Ou ainda, também, demonstrar como é que a Filosofia pode contribuir na construção do conhecimento dentro de sua especificidade.

Optou-se por utilizar para essa intervenção pedagógica de entrevistas indiretas por meio de relato escrito de experiência pessoal em relação à metodologia de trabalho da disciplina de Filosofia em sala de aula com referenciais conceituais. Indireta, porque por meio de perguntas que necessitavam de respostas subjetivas sem qualquer intervenção, ou seja, influência do pesquisador.

Esse instrumento foi utilizado ao final do ano letivo de 2013, com alunos das terceiras e segundas séries – respectivamente turmas 3AeB; 2^a;B;C - matutinas - do Colégio Bento Munhoz da Rocha Neto, pertencente ao Núcleo Regional de Paranaíba, na cidade de Paranaíba-PR. Participaram da atividade no total 147 estudantes.

Utilizaremos, portanto, ao longo do texto, alguns depoimentos por motivo das limitações próprias de um artigo como esse. O objetivo ao intercalarmos esses depoimentos é demonstrar como é que o alunado no processo pedagógico pode, de fato, apoderar-se de conceitos e desses conceitos elaborar atitudes críticas em seu cotidiano.

2 NOSSO CASO EM FOCO

Tanto a Filosofia quanto a Educação do Campo possuem convergências e tensões históricas por se firmarem nos projetos políticos pedagógicos do Estado do Paraná e do Brasil, a partir da organização civil. Donde isso pode ser depreendido até mesmo nas Diretrizes Curriculares da Educação do Campo quando lemos que

A Educação do Campo é uma política pública que nos últimos anos vem se concretizando no estado do Paraná, assim como no Brasil. Uma política pública pensada, mediante a ação conjunta de governo e sociedade civil organizada. Caracterizada como o resgate de uma dívida histórica do Estado aos sujeitos do campo (...) (DCEC – 2006. p. 09).

Nessa mesma linha de convergência compreensiva, recordamos que a Filosofia, enquanto disciplina excluída do currículo por décadas desde o início dos governos ditatoriais em 64, contexto no qual a atenção do Estado do Paraná e do

Estado brasileiro, para a necessidade do retorno dessa disciplina à sala de aula, deu-se depois de muita luta de intelectuais dispostos não apenas a exigirem seu retorno senão que da necessidade da mesma para que a Educação possa chegar a consecução de seu papel que é formar o cidadão integralmente. Pereira (PEREIRA,2011. p.52) interpreta esse retorno, dizendo que

(...) a Legislação Brasileira, respondendo a uma histórica luta de retorno da Filosofia ao ensino, saudou os filósofos (professores ou não) de plantão com a determinação da obrigatoriedade de seu ensino nas três séries do nível médio (...)

Ora, toda a história de construção e consecução de uma Educação do Campo, bem como também do retorno da Filosofia enquanto disciplina na grade curricular do Ensino Médio, no Paraná ou no Brasil, dá-se de forma que podemos perceber nitidamente uma tensão dialética que marca a luta entre setores organizados da sociedade frente ao Estado, responsável direto pela operacionalização, para conquistar a firmação real desses dois elementos no cenário educacional paranaense e brasileiro.

Assim, ainda que, tanto um quanto o outro elemento estejam já concretamente inseridos nesse cenário, resta ainda uma luta permanente para que não sejam novamente excluídos.

A Filosofia sofre em seu processo de implementação pela falta de professores e pela falta de vontade política em muitos Estados. No Paraná já foi travada uma luta em 2012 para que a disciplina de Filosofia não visse reduzido o número de suas aulas, já em quantidade tolerável com ressalvas.

Donde, em uma rápida análise comparativa a Educação do Campo sofre um processo de exclusão ainda mais assustador

[...] A cada dia, em média, oito escolas da zona rural são fechadas em todo o país. Nos últimos dez anos, são 32,5 mil unidades a menos no campo, de acordo com levantamento da Folha com base em dados do Censo Escolar. Somente no ano passado 3.296 escolas desse tipo foram fechadas no país. Agora, há 70,8 mil escolas no campo, ante 103,3 mil em 200. [...] a medida acelera o abandono das famílias do campo, facilita a evasão escolar e impede a participação deles na comunidade.¹

Ora, antes mesmo de discutir de Educação do Campo queremos estruturar e/ou que Filosofia queremos ensinar, há que se manter na luta para que tanto uma como a outra, mantenham-se, no campo real da Educação, tantos são os seus “algozes” querendo eliminá-las.

¹ Brasil fecha, em média, oito escolas por dia na região rural. Último acesso: 7 de março de 2014 [Por Natália Cacian - Da Folha de S. Paulo] Disponível em: <http://www.mst.org.br/node/15809>

Porém, não é dessa convergência histórica, exclusivamente, entre Educação do Campo e Filosofia que queremos tratar aqui. Pretende-se sim, demonstrar como é que o fator emancipatório é nuclear tanto em uma como na outra.

Destarte, o que queremos demonstrar aqui é, portanto, outra coisa que não como o conflito entre conceitos não é apenas necessário que senão uma condição *sine qua non* para a construção de uma consciência crítica.

Na realidade dos movimentos sociais que lutam pela consecução da “dignidade humana” na justa distribuição da terra agricultável, esse conflito conceitual dá-se como condição natural para demarcar uma consciência crítica entre as realidades contrárias daqueles que concentram a propriedade da terra daqueles que lutam para a desconcentração e partilha da propriedade da terra.

Nas Diretrizes lemos que:

[...] A fome, a miséria, a exclusão, a exploração são condições que exigem projetos políticos nacionais e internacionais de enfrentamento para sua superação. O Brasil é um exemplo de país contraditório, com imenso potencial humano e de biodiversidade, mas com excessiva concentração de renda e altos níveis de pobreza. (p.14) [...] A escola do campo deve corresponder à necessidade da formação integral dos povos do campo. (p.16)²

Considerando que essas contradições da realidade social, política e econômica do Brasil irrompem a necessidade de uma escola com a missão de resgatar valores na busca por uma formação integral do Homem inserido no processo ensino-aprendizagem, logo portanto, que lhe dê também mais que conhecimentos sistematizados a capacidade de tornar estes conhecimentos “praxizados” na sua realidade concreta.

Somos levados a refletir sobre esse papel de educação emancipatória que possibilite formação integral não como um ideal exclusivo apenas da educação do campo mas da educação brasileira como um todo, que tem esse ideal.

O tempo de ensino na Escola Pública deveria ser gasto com a consecução de desse modelo de educação, ou seja, de uma educação que possibilitasse o sujeito no processo ensino-aprendizagem adquirir condições de emancipar-se, fazer-se melhor. Isto é, aqui estão os caracteres político e utópico em questão: adquirir poder de criticidade, com autonomia e liberdade implicando por sua vez em responsabilidades individual e coletiva.³

² DIRETRIZES CURRICULARES DA EDUCAÇÃO DO CAMPO. Curitiba: SEED, 2006.

³ Cf. o item III relativo ao E.M., para citar apenas um: “(...) o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento

O estudante enquanto sujeito pensante precisaria ser emancipado de fato e, sua emancipação teria que passar por uma educação que rompesse com a autonegação desse processo implicitamente e intencionalmente inserido, por exemplo, no anterior modelo de educação disponibilizado às populações do campo.

Esse modelo anterior era justamente a negação dessa emancipação

No Estado do Paraná, a trajetória da educação do campo não é diferente, pois também esteve marginalizada. Durante muitos anos, a educação dos povos do campo fo precarizada, repetindo todos os problemas encontrados no restante do país. (p.20)⁴

Neste sentido, Pinheiro (2011) afirma que,

[...] a educação do campo tem se caracterizado como um espaço de precariedade por descasos, especialmente pela ausência de políticas públicas para as populações que lá residem. Essa situação tem repercutido nesta realidade social, na ausência de estradas apropriadas para escoamento da produção; na falta de atendimento adequado à saúde; na falta de assistência técnica; no não acesso à educação básica e superior de qualidade, entre outros [...]

A mesma autora demonstra em seu raciocínio que o campo nos últimos tempos passou por profundas inovações com a inserção de tecnologias avançadas, com elas vieram a concentração de terras e, ao mesmo tempo, a expulsão do homem do campo a não ser como resultado das pressões dos movimentos sociais organizados. Para Pinheiro (2011),

[...] inovaram: no maquinário, no aumento da produção de grão, nos agrotóxicos, alteração dos genes das sementes para exportação em larga escala. Mas os que têm usufruído desses avanços são pequenos grupos de latifundiários, empresários, banqueiros e políticos nacionais e internacionais. Enquanto a outros é negado o acesso a terra para sobreviver e garantir o sustento de outros brasileiros [...]

Nesse aspecto da construção de possibilidades para a real emancipação do sujeito enquanto ser pensante e atuante, a Filosofia tem muito a contribuir. Então, para analisarmos esse conflito latente entre a Educação do Campo que se opõe ao modelo anterior de educação do campo, e o conflito gerado dos belos ideais da educação básica como um todo que visa à formação plena do cidadão, mas se vê muito distante desse ideal na prática; é que vamos refletir agora um pouco mais sobre a Filosofia para averiguarmos o lugar dela nesse processo.

E de qual Filosofia estamos tratando aqui? O filósofo italiano Gramsci pode ser utilizado aqui como referencial para uma possível resposta

crítico". Seção IV, Art. 35.Do Ensino Médio [Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm]

⁴ **DIRETRIZES CURRICULARES DA EDUCAÇÃO DO CAMPO**. Curitiba: SEED, 2006.

É preferível “pensar” sem disto ter consciência crítica, de uma maneira desagregada e ocasional, isto é, “participar” de uma concepção de mundo “imposta” mecanicamente pelo ambiente exterior, ou seja, por um dos muitos grupos sociais nos quais todos estão automaticamente envolvidos desde sua entrada no mundo consciente (e que pode ser a própria aldeia ou a província, pode se originar na paróquia e na “atividade intelectual” do vigário ou do velho patriarca, cuja “sabedoria” dita leis, na mulher que herdou a sabedoria das bruxas ou no pequeno intelectual avinagrado pela própria estupidez e pela impotência para a ação), ou é preferível elaborar a própria concepção de mundo de uma maneira consciente e crítica e, portanto, em ligação com este trabalho do próprio cérebro, escolher a própria esfera de atividade, participar ativamente na produção da história do mundo, ser o guia de si mesmo e não mais aceitar do exterior, passiva e servilmente, a marca da própria personalidade?”⁵

Ou ainda em consonância àquilo que preconiza a Carta de Paris sobre a importância da Filosofia:

Sublinhamos que o ensino de filosofia favorece a abertura do espírito, a responsabilidade cívica, a compreensão e a tolerância entre os indivíduos e entre os grupos, Reafirmamos que a educação filosófica, formando espíritos livres e reflexivos - capazes de resistir às diversas formas de propaganda, de fanatismo, de exclusão e de intolerância - contribui para a paz e prepara cada um a assumir suas responsabilidades face às grandes interrogações contemporâneas, notadamente no domínio da ética, Julgamos que o desenvolvimento da reflexão filosófica, no ensino e na vida cultural, contribui de maneira importante para a formação de cidadãos, no exercício de sua capacidade de julgamento, elemento fundamental de toda democracia. É por isso que, engajando-nos em fazer tudo o que esteja em nosso poder - nas nossas instituições e em nossos respectivos países - para realizar tais objetivos, declaramos que: Uma atividade filosófica livre deve ser garantida por toda parte - sob todas as formas e em todos os lugares onde ela possa se exercer - a todos os indivíduos (...).⁶

Seria justo afirmarmos que todo homem e, em especial, tratando-se do homem Ocidental, parafraseando novamente o que já teria afirmado Gramsci, em certa medida, é filósofo; uma vez que herdamos a capacidade de filosofar dos gregos antigos. Logo, a Filosofia não é uma atividade intelectual acessível apenas aos "filósofos profissionais e sistemáticos", visto que, num certo sentido, "todos os homens são 'filósofos'"⁷.

⁵ O texto faz parte dos Cadernos do cárcere – coletânea em vários volumes de textos escritos por Gramsci durante os 8 anos que passou na prisão como preso político – Caderno 11 (1932-33): Introdução ao estudo da filosofia. (ed.Civilização brasileira, Rio de Janeiro, 1999, Vol.I, p.93).

⁶ Extraído de : UNESCO. Philosophie et Démocratie dans le Monde - Une enquête de l'UNESCO. Librairie Générale Française, 1995, p. 13-14 [Disponível em: <http://filoparanavai.blogspot.com.br/2013/11/18-de-novembro-de-2013-dia-mundial-da.html>. último acesso: 08.11. 13

⁷ (Gramsci, 1986, p. 11) O texto original explicita esta conjectura mais claramente: “É preciso destruir o preconceito, muito difundido, de que a filosofia seja algo muito difícil pelo fato de ser a atividade intelectual própria de uma determinada categoria de cientistas especializados ou de filósofos profissionais e sistemáticos. Deve-se, portanto, demonstrar, preliminarmente, que todos os homens são ‘filósofos’, definindo os limites e as características desta ‘filosofia espontânea’ peculiar a ‘todo o mundo’, isto é, da filosofia que está contida: 1) na própria linguagem, que é um conjunto de noções e conceitos determinados e não, simplesmente, de palavras gramaticalmente vazias de conteúdo; 2) no senso comum e no bom-senso; 3) na religião popular e, conseqüentemente, em todo o sistema de crenças, superstições, opiniões, modos de ver e agir que se manifestam naquilo que se conhece geralmente por ‘folclore’”. Id., 1986, p.14) Está evidenciado que: “A filosofia é uma ordem intelectual,

Porém, apesar de fazer ressonância a esta afirmação gramsciana, Jaspers, por sua vez, afirma que “Todo o Homem enquanto homem filosofa. Mas a coerência conceptual do que esta afirmação implica não se alcança de modo algum num rápido relance. O pensamento filosófico sistemático requer estudo”⁸. [JASPERS, Iniciação filosófica, 1976. p.22]

Portanto, é correto afirmar também que a Filosofia de modo direto não "ensina a pensar" e nem a "ser ético". Trata-se de uma disciplina como outra qualquer. O aluno é apresentado a um universo conceitual específico e, depois, nas provas e trabalhos, instado a mostrar como lida com as novas "ferramentas". Não há magia nenhuma. E conforme nos recorda Jaspers, é um trabalho que exige um enorme esforço voluntário.

Não é porque o estudante vai ler textos que refletem sobre a aquisição do conhecimento, por exemplo, que se tornará mais apto a conhecer. De modo análogo, estudar como determinados autores pensaram a moral e a ética não é em absoluto garantia de que o aluno se tornará um ser mais moral e mais ético.

É desde esta base primordial que sustenta qualquer processo ensino-aprendizagem, que todo estudante de Filosofia deverá partir, até chegar (e/ou paralelamente fazendo) àquela tarefa de reler os acontecimentos de seu cotidiano, auxiliado por uma fundamentação Filosófica com ampla capacidade e liberdade de fazer leituras inter e “transdisciplinares”⁹.

Na República de Platão, em toda a discussão do Mito da Caverna (Livro VII pp.225-255) "*o que sentiriam se fossem libertados*", "*desde a infância, amarrados pelas pernas e pescoço*"¹⁰; o filósofo deixa claro que a visão de alguém quanto ao futuro do aprendiz é o que mais determina a maneira de educá-lo. Aqui residiria não

o que nem a religião nem o senso comum podem ser (...) A filosofia é a crítica e a superação da religião e do senso comum e, neste sentido, coincide com o 'bom senso' que se contrapõe ao senso comum”.

⁸ JASPERS, Iniciação filosófica, 1976. p.22

⁹ Esta perspectiva, que busca uma relação estreita entre os dois movimentos, em tensão, no ensino de Filosofia, em relação à sua finalidade aparece de forma muito clara na CARTA DE SALVADOR PARA A FILOSOFIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA – ENSINO MÉDIO, p. 2 : “(...) Consideramos que a atividade filosófica, que não subtrai nenhuma idéia e fato à livre discussão e investigação, **que se esforça em precisar as definições exatas das noções utilizadas, em verificar a validade dos raciocínios e das pesquisas**, em examinar com atenção os argumentos dos outros, permite a cada um aprender a pensar por si mesmo e aprender a reconhecer os processos sociais implicados... (...) que o ensino de filosofia favorece a abertura do espírito, a responsabilidade cívica, a compreensão e a tolerância entre os indivíduos e suas relações dialógicas (...). Reafirmamos que a educação filosófica, formando espíritos livres e reflexivos - capazes de resistir às diversas formas de alienação, de fanatismo, de exclusão e de intolerância - contribui para a paz e prepara cada um a assumir suas responsabilidades face às grandes interrogações contemporâneas (...)”.

¹⁰ PLATÃO. A República. Parte II.

apenas um caráter político da educação, mas ao mesmo tempo, também um caráter utópico.

No famoso Mito ou Alegoria da Caverna de Platão, após entrar em contato com o mundo dos conceitos – “ideias” – o Filósofo libertado faz o exercício da práxis ao retornar para o interior da caverna para libertar seus companheiros que continuam aprisionados a fim de libertá-los da escuridão. Ora, a práxis aqui entendida como um movimento concreto marcado pela viva dialética entre o conceito e o “lugar” da aplicação do conceito.

Assim, na busca de contemplar esses ideais a Educação do Campo como hoje está proposta, apresenta-se como uma saída para potencializar e concretizar o Homem em sua realização enquanto sujeito emancipado. É nesse sentido que ela guarda em seu cerne esse caráter utópico do qual estamos tratando.

Nessa tarefa, é bom destacar aqui, não estamos dizendo que a Filosofia tem a exclusividade dessa missão. Desenvolver a criticidade do educando não é papel exclusivo da Filosofia, assim como o papel emancipatório do sujeito educando não é papel exclusivo da Educação do Campo. O que estamos querendo dizer com isso é que todas as disciplinas e todas as modalidades de ensino possuem essas missões. Mas aqui estamos tratando das especificidades interligadas entre Educação do Campo e Filosofia.

A crítica filosófica ajuda desconstruir e reconstruir a compreensão de processos sociais e, a Educação do Campo como vem sendo formulada e proposta hoje seria a possibilidade da construção real de um projeto de educação emancipatório para os sujeito do campo.

E porque não aprendermos com a Educação do Campo no sentido de que essa emancipação também seja estendida ao Homem da cidade? E porque não considerarmos a possibilidade de que a Educação do Campo sirva de referencial para repensarmos a educação na cidade que está mergulhada em crise de identidade?

Em suma, entendemos ser uma reflexão acerca de nossa educação brasileira em conexão a essa problemática muito pertinente, haja vista que a educação brasileira tem como um de seus maiores desafios a formação de sujeitos autenticamente emancipados em meio a uma Cultura do Capital que desumaniza o Homem e o coloca cada vez mais servo dos objetos.

3 A EXPERIÊNCIA DO APODERAR-SE DE CONCEITOS

A Educação do Campo tem sua identidade histórica marcada pelo seu vínculo direto aos movimentos sociais que, no campo, lutam para garantir direitos. Ela está ligada diretamente a um movimento da sociedade civil organizada que objetiva a construção de políticas dos povos do campo, incluindo aí, sobretudo, a educação.

É essa identidade essencial da Educação do Campo que possibilitou uma pedagogia de profunda práxis que tem o eixo nuclear da produção de conhecimento fundado na construção coletiva.

Essa dinâmica pedagógica visa capacitar o cidadão do campo de uma consciência crítica frente à sua realidade e potencializar ações no sentido de transformar essa realidade já desumanizada ou em vias de desumanização para então humanizá-la.

Filipe da S. B.: Para mim tem sido uma experiência muito boa, pois desenvolvi meus pensamentos e me ajudou a resolver muitos problemas do cotidiano. **Rhana P.:** Proveitosa, pois aprendi muito (...). Abriu minha mente para conhecimentos diversos, aprendendo a diferenciar as coisas e ser crítica. Claro que não sei exercer com perfeição, mais já ganhei uma boa base.

Ora, sabemos que ninguém é crítico vinte e quatro horas e que não há mágica pedagógica para tornar um educando crítico. O senso crítico é uma construção que transpõe as paredes da sala de aula. É a totalidade de toda uma vida como condição para o fazer crítico. A escola pode ser porém o espaço da instigação positiva para que o educando faça seu próprio processo acontecer, oferecendo-lhe os meios instrumentais para tal e isso passa pelo apoderar-se de conceitos. É um processo a ser desenvolvido em toda uma vida.

Nessa perspectiva é que analisamos as contribuições de nossos alunos frente à experiência proporcionada que tiveram dentro do ensino da disciplina de Filosofia:

Leonardo P. D.: Foi ótima, porque revi meus conceitos sobre muitas coisas (...) também tenho pensado mais antes de decidir o que fazer no meu dia a dia. **Gabriel P. C.:** Muito boa (...) me sinto mais capaz de pensar por mim mesmo. (...) me fez procurar fora da escola livros, assuntos, para me atualizar, para fundamentar meus argumentos diante dos temas. Uso a Filosofia não só na escola, mas no trabalho, em casa e na vida. Quando estou fraco, com dúvidas, me baseio na filosofia aristotélica e socrática, que me estimulam a resolver os problemas com a razão.

Quando tratamos do conceito de experiência, não podemos nos furtar à compreensão de que a experiência de todo e qualquer indivíduo pode originar-se naturalmente da cultura na qual está inserido e, posteriormente, por meio do apoderar-se de conceitos e da práxis, através de um infinito conflito dialético transformador da realidade.

Para Thompson (1981, p. 189), por exemplo, as pessoas não experimentam sua própria experiência apenas como ideias, no âmbito do pensamento, de seus procedimentos, ou [...] como instinto proletário etc. Elas também experimentam sua experiência como sentimento e lidam com esses sentimentos na cultura, como normas, obrigações familiares e de parentesco, e reciprocidades, como valores ou [...] na arte ou nas convicções religiosas.

De acordo com esse autor os valores são antes de tudo vivenciados em meio a vida material, que seria o espaço do desenvolvimento de nossas ideias. Esses valores são necessários para a manutenção da vida social, e o habitus de vivê-los ocorre por meio de adesão natural desde o seio da família e desde toda a estrutura que corresponde à comunidade imediata.

Mateus A. K.: Maravilhoso. As aulas de Filosofia bem como os seus temas abordados e dezenas de reflexões sobre temas polêmicos contemporâneos, me proporcionaram uma visão além da que eu portava (...), capacidade de pensar autonomamente, me fazendo conhecer sobre aquilo (...) que (...) não conhecia como as diversas religiões e seus valores, a Declaração dos Direitos Humanos, movimento LGBT, Constituição Brasileira e etc. Agora consigo perceber a ideologia nas propagandas, (...). Consegui maior consciência política. Facilitou na resolução de problemas éticos do meu cotidiano. Entre muitas outras vantagens.

Quando Mateus diz que, “[...] Facilitou na resolução de problemas éticos do meu cotidiano”, está tratando de sua experiência enquanto práxis. Para Kosik (1976, p.220),

o homem supera (transcende) originalmente a situação não com a sua consciência, as intenções e os projetos ideais, mas com a práxis [...] com o seu agir o homem inscreve significados no mundo e cria a estrutura significativa do próprio mundo.

Kosik está a dizer que a teoria não é algo a ser formulado pela especulação e então aplicado à prática. A teoria é, antes, a consciência humana do ingrediente racional na práxis que se realiza no mundo, ou seja, a compreensão do logos em práxis.

Failon M. K.: A Filosofia para mim é a base estruturante da formação de um cidadão autônomo e integrado na sociedade. Durante esses três anos tive a oportunidade de participar dessa incrível “ciência” que é a Filosofia, obtendo

conhecimentos que antes desconhecia. Para mim a Filosofia tem que continuar integrada na grade curricular. **Izabelly M. D.:** Foi simplesmente maravilhosa minha experiência. Digamos que paixão à primeira vista (...), uma necessidade de todos os dias (...), a Filosofia só não mudou a minha vida, como agora ela é minha vida. Vejo Filosofia em tudo o que faço, que vejo, que produzo. Agora dependo dela para viver.

E como almejar esse ideal senão pelo apoderar-se dos conceitos? Esta questão exige um ponto de vista pedagógico, que faça a conexão interna entre conteúdo e método: que o estudante tenha se apropriado significativamente de um determinado conteúdo filosófico significa, que ele se apropriou conscientemente de um método de acesso a esse conteúdo e ao mesmo tempo, de um método que lhe auxilia na leitura da realidade na qual encontra-se inserido, como Sujeito em processo de emancipação, no sentido mesmo do conceito marxista.

Dizer que se pode ensinar filosofia apenas pedindo que os alunos pensem e reflitam sobre os problemas que os afligem ou que mais preocupam o homem moderno e contemporâneo, sem oferecer-lhes a base teórica para o aprofundamento e a compreensão de tais problemas e sem recorrer à base histórica da reflexão sobre tais questões, é o mesmo que não sair dos limites do senso comum.

Carolina P. dos S.: A filosofia foi importante para saber as diferenças e os conceitos das matérias (...) e com o aprendizado, poder diferenciar (...) os saberes, o senso comum, o religioso, o mito; a relação da ética e moral, (...) conhecimentos científicos, trabalhar as diferenças que cada indivíduo traz, ter conhecimento de como o racismo está presente e como podemos mudar este conceito. A Filosofia nos traz sabedoria sobre a vida e os fatos que nela ocorre. Nos faz ver a vida de modo crítico, deixando de lado o “senso comum” que nos consome... **Amana de B. da S.:** No início, meu contato com a Filosofia foi dificultoso, pois esta matéria abordava temas que contrariavam os conhecimentos impostos à mim, envolvendo principalmente religião. Após algum tempo pude entender o quanto a Filosofia é essencial em nossa existência, passei a enxergar o mundo à minha volta de forma mais crítica, como pessoa, minhas mudanças foram extremamente positivas [...].

A Filosofia pode e deve fazer parte do currículo escolar porque contribui para a realização da natureza humana¹¹. Ela tem por excelência o trabalho com o conceito e esse conceito em movimento dialético pode oferecer uma visão de mundo mais ampla, demonstrando todo o antagonismo que marca a realidade humana. Possibilitando o fazer refazendo-o.

Ora, nessa perspectiva, Deleuze nos ensina que o conceito encarnado na vida cotidiana e re-conceituado necessita fazer parte nuclear em todo e qualquer

¹¹ Na CARTA DE SALVADOR, p.2, 2007, há uma passagem que expressa bem isto ao afirmar que: “(...) garantir que o ensino de Filosofia ocorra de forma própria e apropriada, que envolva e seduza o educando para aprender a aprender e aprender a desaprender, dando sentido à sua vida”.

processo de apropriação do conhecimento. AQUINO e REGO [Ibid., p.2. s/d.] salientam que conhecimento apenas não interessa para Deleuze, o “espírito” de sua pedagogia é a apropriação de conhecimentos visando o “uso de forças para a obtenção de um novo modo de vida”.

Para Deleuze a única singularidade da Filosofia deve ser o conceito¹². Mas o mesmo Deleuze recorda que esta “exclusividade da criação de conceitos” não pode se converter em uma posição extremamente orgulhosa frente às outras maneiras de pensar e criar. É uma função identidade da Filosofia, nada mais que isto, lembra o filósofo¹³.

Especialmente necessário na Filosofia Deleuzeana o diálogo precisa estar carregado da capacidade de irrupção. Por isso, falamos de uma Filosofia da subversão, da perversão, da inovação, da criação.

Em Deleuze, 1987, p. 96, podemos identificar Criação como gênese do ato de pensar no próprio pensamento. Parafraseando poderíamos dizer em outras palavras, pensar o pensado. É importante atentar para esta concepção afim de que não cometamos os mesmos erros de sempre, ou seja, aquela velha tendência própria de nossas inovações pedagógicas que ao invés de coadunar para o diálogo preservando as riquezas particulares/diferentes de cada uma, caem no extremo da negação do diferente para postular sua auto-afirmação.

Quando se entende educação como uma atividade de emancipação, oferecer a possibilidade da pessoa conduzir-se para fora, Deleuze tem muito a nos oferecer com sua proposta de criarmos “conceitos”, libertando nossa imaginação, praticando a subversão das formas pré-estabelecidas do pensamento na educação tradicional, da moral vigente na sociedade e, geralmente engendrada pela religião dominante, e isto é dizer, uma subversão dos valores pré-definidos na sociedade e aceitos por conveniências sociais.

¹² DELEUZE, GUATTARI (1992), p.15. Ele entendia o conceito como forma de demarcar aquilo que é próprio da filosofia por singularidade e que possibilita a vivacidade da mesma que não “renasce, pois jamais está morta, embora tentem matá-la de várias maneiras (...) Ela nem mesmo espera reanimações pois não desmaia e nem dorme; ao contrário, desperta quem dela se aproxima (...)” como nos lembra Luiz B. L. Orlandi, tradutor da obra de DELEUZE (2001) “Empirismo e Subjetividade”. É necessário entender ainda que o “conceito”, para Deleuze tem o poder de contestar por esta atividade heterogênea o idealismo dos Universais e sobre isso, escrevem DELEUZE, GUATTARI (1992), p.15: “(...) O primeiro princípio da Filosofia é que os Universais não explicam nada, eles próprios devem ser explicados”.

¹³ Ibid., (1992), p.17.

Desde este ponto de vista, a proposta deleuzeana carrega em sua gestação força auto-revolucionaria, uma vez que apesar das propostas pedagógicas mais audaciosas incorporadas aos nossos atuais documentos oficiais, que têm o papel de orientarem a gerência da educação brasileira, na prática o que vemos é uma educação dicotômica: por um lado ela convida nossos alunos para que cresçam, e muitas vezes, toda a ação pedagógica empregada não quer dizer mais que os mesmos juntem-se ao mundo ou se adaptem a ele.

Failon M. K.: A Filosofia para mim é a base estruturante da formação de um cidadão autônomo e integrado na sociedade. Durante esses três anos tive a oportunidade de participar dessa incrível “ciência” que é a Filosofia, obtendo conhecimentos que antes desconhecia. Para mim a Filosofia tem que continuar integrada na grade curricular. **A. E.:** “Tem sido ótima. Estou vendo o mundo de outro jeito. O professor fez eu refletir nos temas mais importantes, prendendo minha atenção e me fazendo a querer aprender sempre mais. A Filosofia é muito importante para a compreensão da nossa sociedade atual (...). **Izabelly M. D.:** “Foi simplesmente maravilhosa minha experiência. Digamos que paixão à primeira vista (...), uma necessidade de todos os dias (...), a Filosofia só não mudou a minha vida, como agora ela é minha vida. Vejo Filosofia em tudo o que faço, que vejo, que produzo. Agora dependo dela para viver.

Grande parte de nossos esforços educacionais sufoca a imaginação dos alunos, dizendo-lhes o que pensar e como pensá-lo. Assim, com freqüência, o que poderia ser autêntica atividade imaginativa é descartado como frívolo devaneio ou idealismo ingênuo. Alunos com esta tendência “deleuzeana” são identificados geralmente como “chatos”, “problemáticos”, “indisciplinados”, etc. Pelo simples fato de não se adequarem ao “normal” coletivo.

O diálogo deleuzeano no processo ensino-aprendizagem de Filosofia parte dos clássicos, passa pelas problemáticas que se impõe a partir de nosso cotidiano presente e irrompe em novas respostas que por sua vez desencadearão em novas problemáticas, ou seja, o eterno movimento vivificante da Filosofia – aquilo que faz a Filosofia ser Filosofia. Aqui temos o duplo devir deleuzeano sem os quais não existe Filosofia: a constituição dos problemas e a criação dos conceitos.

4 CONCLUSÃO

Essa era a convergência central à qual queríamos chegar. A Educação do Campo e a disciplina de Filosofia convergem para o mesmo objetivo, possibilitar ao sujeito, sempre em processo de ensino-aprendizagem, apoderar-se de métodos e dos conceitos para fazer o movimento dialético de leitura da realidade na qual está inserido para então poder transformá-la.

Mais que um ideal, ainda que uma atividade imensamente difícil e desafiadora, queremos concluir que na prática tanto a Educação do Campo enquanto proposta inovadora de educação como a Filosofia enquanto disciplina componente da grade de disciplinas da Educação Básica, têm seus lugares por excelência na tarefa de construirmos consciências críticas a partir da educação em meio ao seu todo no qual compreendemos a interdisciplinariedade e a transdisciplinariedade como elementos essenciais na compreensão de nossos problemas contemporâneos visando uma intervenção local transformadora.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Julio Groppa; REGO, Teresa Cristina. **O gênio arrebatador de Deleuze**. Revista Educação: número especial. Ano II – Deleuze pensa a educação. São Paulo: Editora Segmento, s/d. p. 4.

CARTA DE SALVADOR PARA A FILOSOFIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA – ENSINO MÉDIO. “1ª Oficina de Filosofia e Sociologia no Ensino Médio”, realizada no Instituto Anísio Teixeira, de 13 a 27 de abril de 2007 em Salvador – BA. Impresso, 2009.

DELEUZE, Gilles, GUATARI, Félix. **O que é a Filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

_____. **Empirismo e subjetividade: ensaio sobre a natureza humana segundo Hume.** São Paulo: Editora 34, 2001.

DIRETRIZES CURRICULARES DA EDUCAÇÃO DO CAMPO. Curitiba: SEED, 2006. (Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/diretriz_edcampo.pdf. Último acesso: 07.11.13)

DIRETRIZES CURRICULARES DA REDE PÚBLICA DE EDUCAÇÃO BÁSICA DO ESTADO DO PARANÁ: FILOSOFIA. Curitiba: SEED, 2006 (atualizadas 2007-2008).

GRAMSCI, Antonio. **Introdução à Filosofia da Práxis.** 29ª ed, Lisboa - Portugal: Editora Antídoto, 1986.

JASPERS, Karl. **Iniciação filosófica.** Lisboa: Guimarães, 1976.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto.** São Paulo: Paz e Terra, 1976.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio.* Brasília: Secretaria de Educação Média e Tecnológica (Semtec/MEC), 1999. Ciências Humanas e suas Tecnologias Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN. Parte referente à Filosofia – pp.41-54

PLATÃO. *A República.* Parte II. (Tradução de Ciro Mioranza) São Paulo: Escala, s/d.

PEREIRA, Geraldo Adriano Emery. **O lugar lacunar da Filosofia no Ensino médio.** Educação em Revista, Marília, v.12, n.1, p.51-64, Jan.-Jun., 2011. (Disponível em: <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/educacaoemrevista/article/viewFile/1537/1331>. Último acesso: 03.11.13)

PINHEIRO, Maria do Socorro Dias. **A concepção de educação do campo no cenário das políticas públicas da sociedade brasileira.** Disponível em: <http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0CC0QFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.gepec.ufscar.br%2Ftextos-1%2Ftextos-educacao-do-campo%2Fartigo-a-concepcao-de-educacao-do-campo%2Fat_download%2Ffile&ei=4uxCU_DeMdOksQT8x4CYCQ&usg=AFQjCNHXSm2oNdN1ubNPkN-cozZ7278nXA&sig2=3N-qkOzFPC0Qv1UqU5GanQ&bvm=bv.64125504,d.cWc>. Acesso em: 18 março 2014.

THOMPSON, Edward Paul. **A miséria da teoria.** São Paulo: Zahar, 1981.